



Manhã de sol

A gentil menina Maria Luiza Cardoso Alves, filha do snr. Pedro Alves, da cidade de Lisboa

(Phot. de Alfredo Pinto (Sacavem))

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Caquim Antonio Pereira Villela.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 RE.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Número avulso, 60 reis

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfime massa

Fundada em 1874



*Pecem
o nosso
catálogo
illustrado
com 143
gravuras,
que se
encia
gratis.*



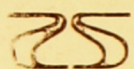
— PORTO —

Rua do Bom Jardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 59 a 63 —

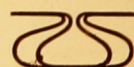


*Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
Exposi-
ções In-
dustriaes
Portugue-
zas de 1887
e 1897.*



— GUARDA

Representante
depositario
CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calices, pyxides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carrilhões de campainhas, thuribulos e navetas, cruces processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestos do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas con-
generes no extrangetro, e a que mais egrejas fornece no Conti-
nente, Ilhas, Brazil, etc . . .**

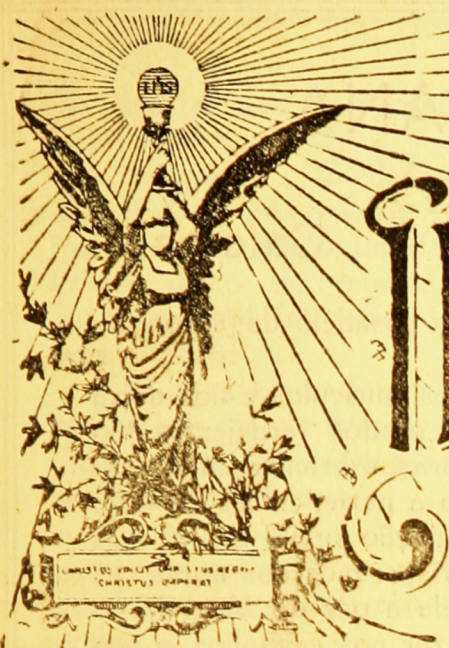


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario e Director, Joaquim Antonio Pereira Villela.

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 5 de agosto de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 162—Anno IV



Em.^{mo} Cardeal Caetano De Lai

BISPO DE SABINA

Nascido em Malo, Vicenza, a 28 de julho de 1833, ordenado em abril de 1876, e creado cardeal-diacono em 16 de dezembro de 1907. E' Secretario da Congregação Consistorial

(Phot. Cav. C. Felici).

CHRONICA DA SEMANA

Calores...

Dia de sol no campo! Dia de sol na cidade! Eis todo o pesadêlo do chronista, mais toda a sua saudade!

Aqui é uma tortura calcinante que põe lassidão nos musculos e nos deixa alfim moidos e sem forças. Além, aquelle deslumbramento dos prados verdejantes tão luminosissimo que ao meio dia, quando sôa a campana das horas, vibrantes na pureza funda do azul, uma como suspensão de respiros se faz por toda a parte, extase da vida, do som, da côr, que ao sentir-se parece que se ouve a trepidação suave da luz nas suas rutilações do espaço! Param sob os copados os rangidos tristissimos das noras, as aves parecem recolhidas nos galhos das carvalheiras; e é toda a paz do Meio-dia — *Avé-Maria!* — que vem coar-se na alma do povo a rezar, a rezar nos caminhos, e nos lares!...

Dia de sol no campo! Dia de sol na cidade! Eis toda a saudade do chronista... que ora vê as primeiras debandadas para as praias e para as quintas, precisamente quando apparecem os calores insupportaveis e nas gares e praças se affixam os berrantes réclamos das estancias balneares, aguas e thermas de extraordinarias virtudes milagreiras que as administrações de gazêtas e os medicos propalam em attestados estupendos ou em descripções fabulosas, mediante a pecunia do estipendio.

Essa debandada não é possivel desde já avaliá-la: queixam-se d'esta praia que a carestia da vida não alarga os cordões ás bolsas, d'aquell'outra, regista-se affluencia proxima de Hespanhoes que aproveitam o depreciamento da nossa moeda. Em todo o caso suppômos que a vida de verão não será grande, attento que a maior parte dos burguezes se lastima horriavelmente das especulações dos commerciantes que estes tem! — devem levar vida folgada no mar do vivo ganho ás braçadas durante a crise tremenda das subsistencias.

E é no meio ou sob esta athmosfera que cahe no mercado litterario, muito mais abastecido do que o outro, o livro Julio de Vilhena, segundo e ultimo volume das suas notas auto-biográficas. Com a publicação de Rocha Martins e o recente e bello livro de Joaquim Leitão, aquelle constitue o excitante politico do momento, o pretexto forte ao acendramento das paixões que embora sotopostas ás cinzas do passado, ainda tem força para n'ellas bracejar suas raizes e desbotoar as flores pretas do escandalo. Comparado ao primeiro volume, este, do antigo chefe do partido regenerador, é muito mais impressionante; e a considerar esta especie de confissões publicas de politico monarchico como um perigo, e arma contundente para a corôa exilada, estes ultimos aspectos se revelam maiores no volume de agora. Porque?... Porque os factos a que Julio de Vilhena n'elle se refere, não sahiram ainda das memorias de quasi toda a gente que os reputa o natural antecedente da revolta anarchia, de costumes governativos que ahi vemos a esbravejar em sacudidelas frenéticas, ora trajando azul e branco, ora vermelho e vêrde.

As folhas republicanas transcrevem as considerações do homem publico realista com um estranho fulgor de jubilo vingativo. E é natural que o façam porque Julio de Vilhena não só não poupa o snr. D. Manoel nas suas criticas, antes o apresenta despido de todas as qualidades indispensaveis a um soberano constitucional, mas ainda porque das quinhentas e tantas páginas do livro resalta vivo, como se o não esbatêra o puir de seis annos, o quadro flagrante da dissolvencia politica do paiz nos derradeiros tempos da monarchia cartista. Para elle e para que se avivem aos olhos de todos alguns coloridos mais desbotados, trouxe até o sr. Julio de Vilhena o contributo da sua vaidade incontestavel que levada aos limites do exagêro, produziu a celeuma de que o *Dia*, auctorizada ou desauctorizadamente, se fez echo. É pena que esta hypertrophia de orgulho alargasse as ensanchas d'esta obra. Se o sr. Julio de Vilhena se tem moderado, se tivesse apparecido sereno, dominando os insoffridos instinctos da sua personalidade inconfundivel, o publico ao lêr-lhe o exame de consciencia — porque s. Ex.^a não esconde os seus erros — recordaria os tempos evocados pela documentação fartas dos oito capitulos e não deixaria de reconhecer, como é devido, que o sr. Julio de Vilhena tem razão quando se queixa amargamente da ingratição dos seus soldados e d'aquelle que era enlão o seu monarcha, da leviandade, que foi tambem erro politico de monta, com que se deu a mão a mediocridades para o abater a elle com um caracter limpo, com

um dos talentos mais completos do seu paiz que um serio amor ao estudo admiravelmente servia.

Foi pena... O desforço é superior á offensa, e o que sobra da justa posição equitativa de uma a outra, assume as proporções irritantes das aggressões inuteis e quiçá (quero crê-lo) muito injustas. Não é licito porem acoimal'o de sentimentos monarchicos. O seu gesto de renuncia é prova bastante d'isso mesmo, porque a não o fazer o sr. Julio de Vilhena teria de entrar n'um caminho humanamente defensavel, mas funesto para a coroa...

E' possivel que isto mesmo, e muitas, muitas das suas affirmações e avisos, tenham hoje sob o céu de extranhas terras o seu logar de justiça. Mas veja-se no livro, sobretudo, um signal da decadencia que deve de sêr evitada, hoje durante o exilio, amanhã, se o exilio terminar.

... Que n'isto de exilios tambem vae longe o tempo em que um velho e honrado soberano portuguez era alimentado por subscrição dos seus partidarios e soffria lá por fora o que muitos não soffrem nos dias de hoje! É como elle era grande na desgraça!...

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

A mascara

Chovia. Ficamos á mesa do jantar. A conversa gelou. Apagaram-se as luzes, apagou-se o espirito tambem. X, o conversador incorrigivel, mordeu o seu charuto, exgottou o seu licor e nervoso, irritado, recommendou ao creado:

—Pomery, para uma *cup*. Muito gelo. E' preciso reaccender estas almas... Estão funebres estes calurras!—e foi ao fogão, remecheu as brasas, compoz ao espelho a gravata e solemne, hirto, na sua casaca impeccavel, passeou pela sala o seu desalento.

—Então, X? Nem uma historia? Você está funebre tambem, dissemos-lhe tentando sorrir.

—Uma historia? Eu sou o homem das historias, o incorrigivel... não é verdade? Passei o melhor da minha vida a colleccionar almas e a desvendar romances, tragedias, commoções e afinal, creiam, ainda não conheço a vida. Cada mulher é um enigma, cada alma um mysterio impenetravel. E' tudo eternamente novo para mim. Por isso encontro encanto na vida. Vocês cansaram-se. Despiram-lhe toda a illusão, esclareceram-a. Esse macabro, tumultuoso rodopio da vida não tem já o minimo segredo, o infimo interesse. Estaes velhos: dominados, subjugados pela peor velhice, a do cansaço. E' o fim; o rheumatismo e o fogão. Na alma nem um sopro de saudade, nem um clarão, nem uma lembrança! o passado é um bocejo de tedio, mortal, horrivel, Sois como as joias dos scenarios que se não podem ver dos bastidores! E quereis uma historia? Uma historia que vos vae irritar, que vos vae seccar, que não saberá nem poderá commover essas almas vazias, fatuas, almas gastas d'inuteis, de semsabôres.

Reaccendeu o charuto, vasou o champagne na *cup* polida e ficou-se, a pupilla scintillante, cupida, a vê-lo borbulhar nas fructas...

—Isto esperta... esperta... Adoro esta bebida. E' a combinação subtil d'um grão duque em desgraça para afogar a amargura do exilio... Ensinou-m'a em Paris esse gordo beberrão, esse extranho alchimista da cave... Bebo-o como philtro de felicidade e afinal já me deu a felicidade uma vez... Foi ha dez annos pelo carnaval. Eu fugira para Madrid, sumira-me no Ritz com alguns livros e algumas caixas de charutos. Chovia, chovia como agora, o que prejudicava as diversões da rua. A *castellana* afundava-se em lama. Depois d'um inverno frio, a cidade, com uma resignação de gottôso, dir-se-hia que mergulhava nas lamas os seus membros emperrados. Não se podia sahir.

Um visinho de mesa, um granadino, expansivo e bulhento, forçou a minha reserva ao jantar e offereceu-me um convite para o baile das Bellas Artes. Um baile! Eu fugira ao carnaval, recusara-me mais uma vez o espectáculo degradante de tres dias á mar-

gem de tudo para uma sociedade, frescucada, suja, ebria, amarrotando-se pelas ruas, mas não devia evitar a exhibição d'um baile escolhido, renunciar ao prazer ou á tristeza, de tactear, surprehender a nota de todas essas paixões e de todas essas loucuras, a maresia trágica de todas essas miserias, desfilando composta, digna, solemne, por um salão. Fui. Embrenhei-me na multidão dos *pierrots*, amarellós, das *pierrettes*, amarellas, dos dominós *amarellós* porque fôra essa a côr escolhida n'esse anno para esse baile de côr onde tudo era desesperadamente amarello, desde o *bastonero* solemne até ao ultimo disfarçado. Nos camarotes, disseram-me estadear-se o grande mundo na sua gravidade e nas suas joias, *mousselines*, rendas, casacas severas, alinhadas, sombrias como manequins de vitrinas reclamando saldos. Uma hora depois eu seguia um extranho dominó negro que provocara a curiosidade de todos. Errava como um phantasma e no mais acceso da alegria do entusiasmo, encostava-se ás paredes e parecia-me vê-lo estremecer convulso como se chorasse. Notara-me. O meu isolamento e a minha hesitação revelaram-lhe um estrangeiro. Aproximou-se. Travei-lhe do braço e fomos para o *restaurant*. Enquanto eu regava com Pomery loiras laranjas valencianas e remechia guloso a minha *cup* não proferiu uma palavra, não fez um gesto; immovel seguia os detalhes da mixórdia subtil, fixava-se nas fructas, nas garrafas, com olhos soffregos, uns olhos famintos de garoto perante as montanhas de guloseimas da montra d'uma pastelaria. Bebeu. É delicioso, não é verdade? perguntei espantado já do seu silencio da sua indiferença. Sim, sim... mas deve ser carissimo. Aquella nota de miseria em plena festa fez-me estremecer... Não, respondi apertando as palavras — cem pesetas, e fiquei-me a gosar o effeito. Estremeceu, agitou-se o peito arfando convulso, e n'um impeto as suas mãos enluvadas poisaram nas minhas, tremulas, febris...

—E lembrar-me?! o senhor é rico pois ajuda-me. A si, que é estrangeiro, não tenho vergonha de dizer-lhe que tenho fome, fome, que ha dois dias que meu filho não come... Ajude-me, ajude-me. Eu vim ao baile para pedir. Chorava. Silencioso, commovido, metti-lhe nas mãos um bilhete de cem pesetas e empurrei-a para a porta.

—Vá, vá. Foi o melhor carnaval da minha vida. Bebi só a minha *cup*, accendi o charuto e fui cantorando, feliz, para o hotel e ninguem, posso jura-lo — entrou em casa mais feliz do que eu, mais cheio de recordações, de lembranças, d'essa esmola...

—Que foi decerto uma burla, commentamos nós.

X irritou-se logo; depois franzindo os lábios com enfado, disse-nos paternal:

Vocês são incorrigiveis, tirando o encanto á vida. Sempre os mesmos. E que fosse?

Para mim foi a miseria que me commoveu e não serei eu quem vá esboroar imbecilmente o encanto d'essa commoção. Bebam, bebam. Isto esperta, esperta, faz esquecer — e com os olhos brilhantes e um sorrisinho guloso remecheu as fructas na *cup* polida...

Mais uma historia, afinal.

Padre Antonio Vieira

POR JOSÉ AGOSTINHO.

Eo padre Vieira tornou a prégar na quarta e na quinta Dominga, sendo admiravel o sermão que rompeu, com eloquencia irresistivel, pelo texto — *Fugit iterum in montem ipse solus* commentando: *Não foge uma só vez, quem foge do coração.*

E, quebrantando-se assim um tanto os inimigos, Vieira ganhou grandes sympathias populares para a sua querida causa dos Indios, acalorando pela justiça os mais indifferentes, afervorando tanto a metropole em favor dos desgraçados escravos do Brazil, que por algum tempo foi essa causa a mais debatida por todas as classes do paiz.

Mas é de justiça destacar agora el rei D. João IV. O grande monarcha, bem maior do que o tem supposto espiritos mesmo inclinados á imparcialidade — entre elles, o glorioso Camillo — comprehendeu e perfilhou superiormente aquella defeza santa. Não só assimilou os argumentos e sentimentos do grande Missionario, como os fortificou, esclareceu e consolidou com relampagos do bom talento, da grande alma e espirito que tinha.

E' que D. João IV — apezar da mancha de pusilanime, por vezes, e deploravelmente immovel quanto á situação de seu irmão, o desditoso infante D. Duarte — alliava a uma intelligencia clara um nobre e nitido character, sedento de justiça e amor do direito puro.



1—A visita pastoral a Santo André de Canidelo pelo Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso. O Rev.^o Prelado debaixo do pallio.

2—Dois interessantes anjinhos.

3—Um aspecto da procissão.

4—A multidão seguindo a procissão.

5—Da esquerda para a direita: Abilio da Silva Villaça vice-presidente; Abel Pereira Delgado, 1.^o secretario.

6—Narciso Pinto Loureiro, dig.^{mo} presidente do Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto.

7—Grupo de visitantes ao lado da Capella do Monte da Virgem no fim da solemidade religiosa, que realizou o Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto no dia 9 de Julho de 1914.

O Grupo de Defesa e Propaganda Catholica

Esta bella aggremação que tão relevantes serviços tem prestado á causa catholica, promoveu como todos os annos anteriores a sua excursão ao Monte da Virgem, perto da cidade do Porto.

Durante o trajecto o digno assistente ecclesiastico, rev. Padre Manuel Pereira de Sousa, recitou os Mystérios do Rosario.

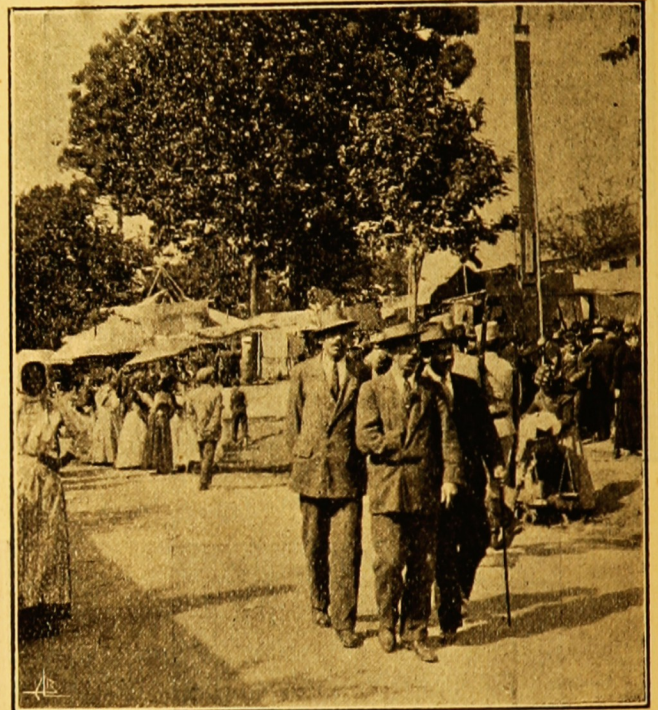
No capella do Monte da Virgem houve missa á qual assistiram os peregrinos havendo communhão e pratica pelo celebrante que com os seus dotes oratorios tão bem soube fallar das leis do Divino Salvador.



Grupo de visitantes em frente da capella do Monte da Virgem, tendo á frente o dig.^{mo} assistente ecclesiastico Rev. Padre Manuel Pereira de Sousa.



A romaria de S. Bento das Peras em Rio Tinto



Um aspecto do arraial



A feira da louça



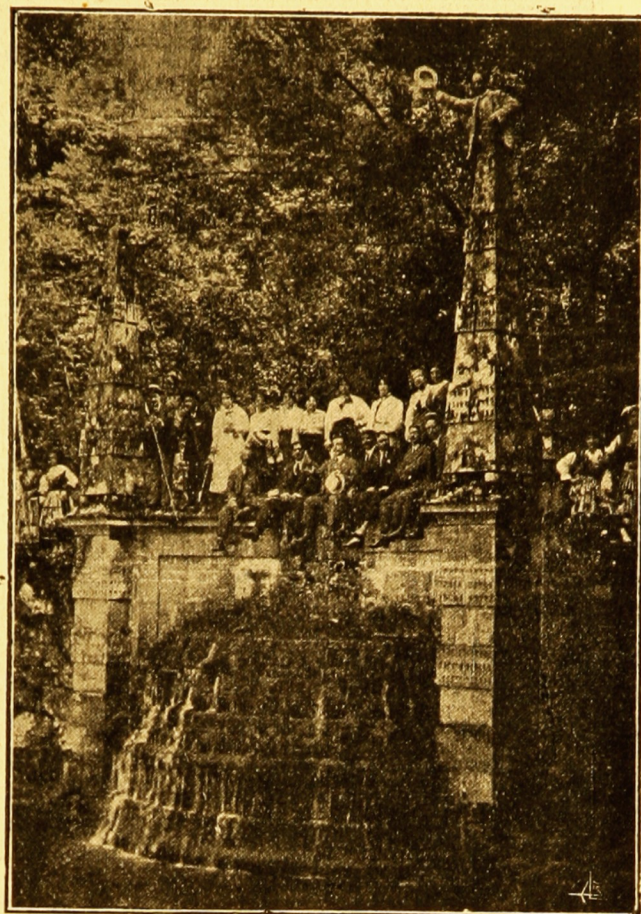
Uma rodinha

Phot. J. Azevedo.

Braga--Na aprazível matta de Tibães



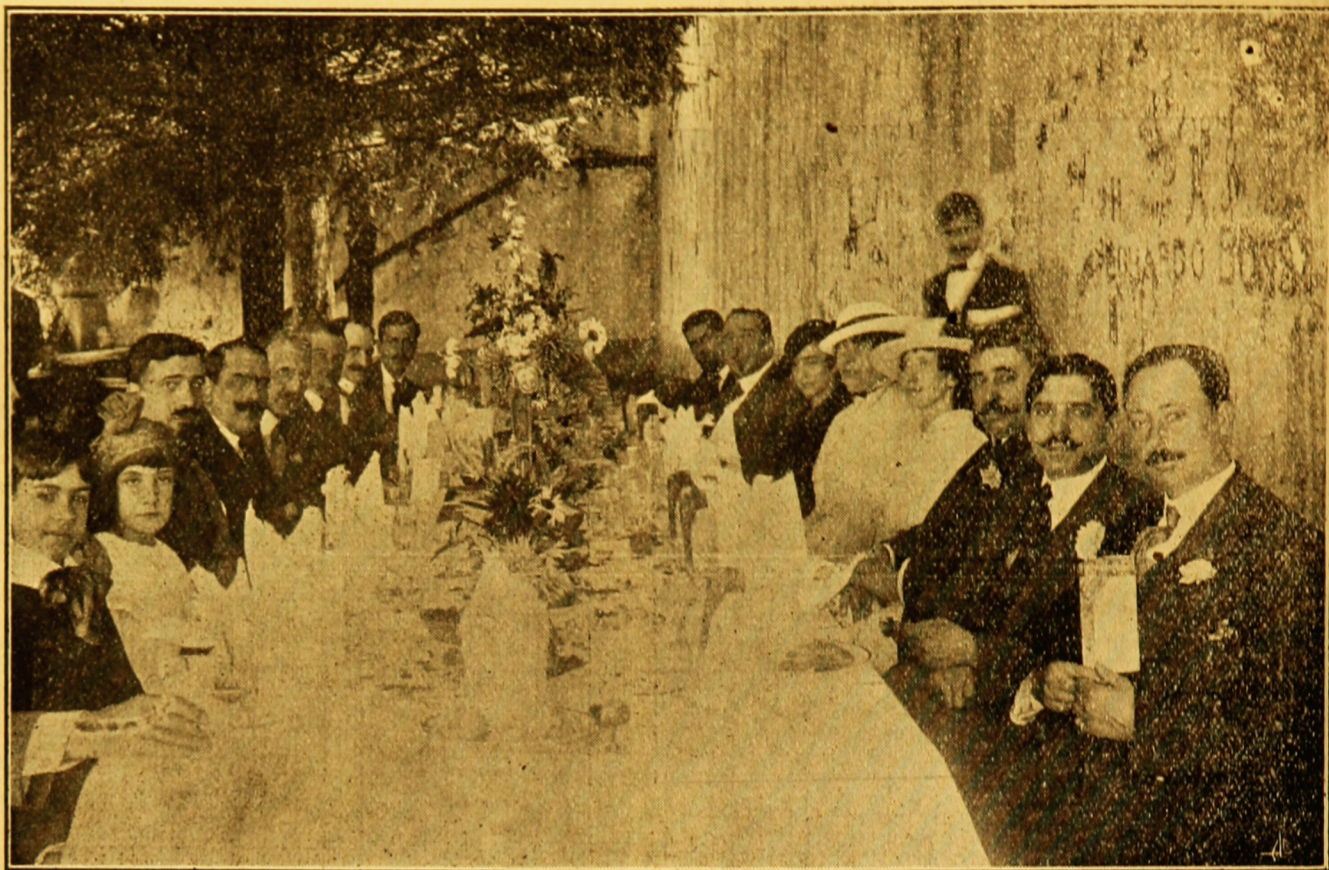
Tibães—Os membros que angariam meios para os festejos de S. João e que banquetearam o presidente dos festejos snr. Manuel Avelino Pinto Braga



Na cascata do Lago apoz o banquete



1.º plano: D. Virginia Pereira da Costa; D. Laura Guimarães Oliveira; D. Izabel Braga (presidente das festas de 1917); D. Julia Silva e D. Idalina Costa.—2.º plano: Manoel d'Oliveira Braga; D. Julia Lemos; D. Maria Amelia San Romão Brandão; D. Abilia Costa e Augusto Costa.
3.º plano: Manoel Antonio Joaquim da Silva Braga; Domingos Lemos; Manoel Frontino Pinto; Manoel Avelino Pinto Braga (presidente dos festejos); Abel da Natividade e Dr. Gustavo Brandão.
Ultimo plano: José Antonio Monteiro Vieira Marques.



O almoço de confraternização no Bom Jesus do Monte



APOS O ALMOÇO

Da esquerda para direita — Dr. Gustavo Brandão; Abel da Natividade; João Ruy Coutinho; D. Maria Amelia Coutinho; D. Marianna Brandão; D. Izabel Braga (presidente); D. Alice Gonçalves.

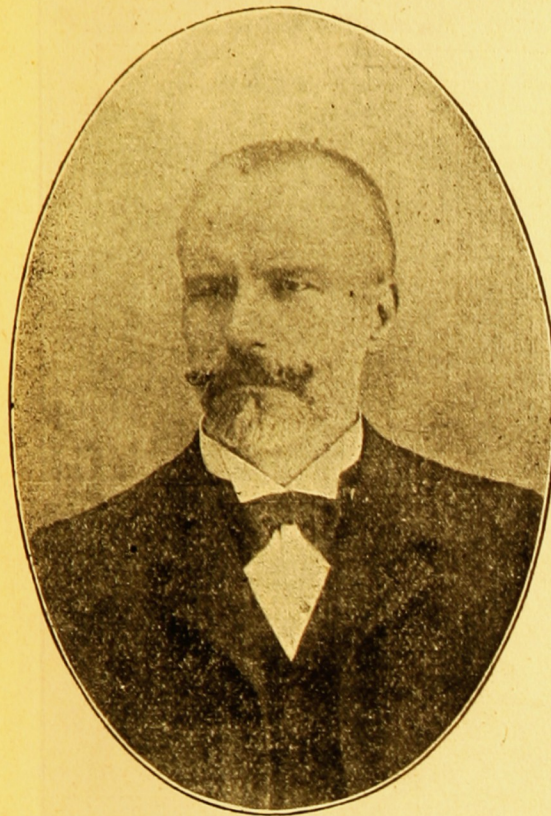
2.º plano, da esquerda para a direita — João de Moura Coutinho; Manuel A. Joaquim da Silva Braga; Tenente-coronel Lopes Gonçalves; Daniel Avelino Pinto Braga (presidente). 3.º plano — Dr. Antonio Pereira de Magalhães; Dr. João Amorim; Narciso Costa; Joaquim Antonio Pereira Villela; Manuel d'Oliveira Braga e José Antonio M. Vieira Marques.

Medica bracarense

Honram hoje as paginas da "Illustração Catholica," as photographias da nossa sympathica conterranea sr.ª Dr.ª

D. Maria da Conceição do Sameiro Ferro da Silva e de seu extremoso Pae, o bemquisto industrial sr. J. M. Silva. Nasceu a nova medica em 11 de outubro de 1886. Muito intelligente, desde creança deu logo inequivocas pro-

vas da sua inclinação litteraria, tendo feito com distincção exame de instrucção primaria em 1907. A sua carreira foi sempre aureo-



Joaquim Manoel da Silva

lada de brilhantes successos, frequentando o Curso do Lyceu de Braga de 1901 a 1908, curso que começou e acabou igualmente com muita distincção. Em 1909 foi para a Universidade de Coimbra, formando-se em Philosophia no anno de 1912.

Quando era quintanista n'esta faculdade, matriculou-se em Medicina, conseguindo distincções em todas as cadeiras medicas.

Um primor de talento.

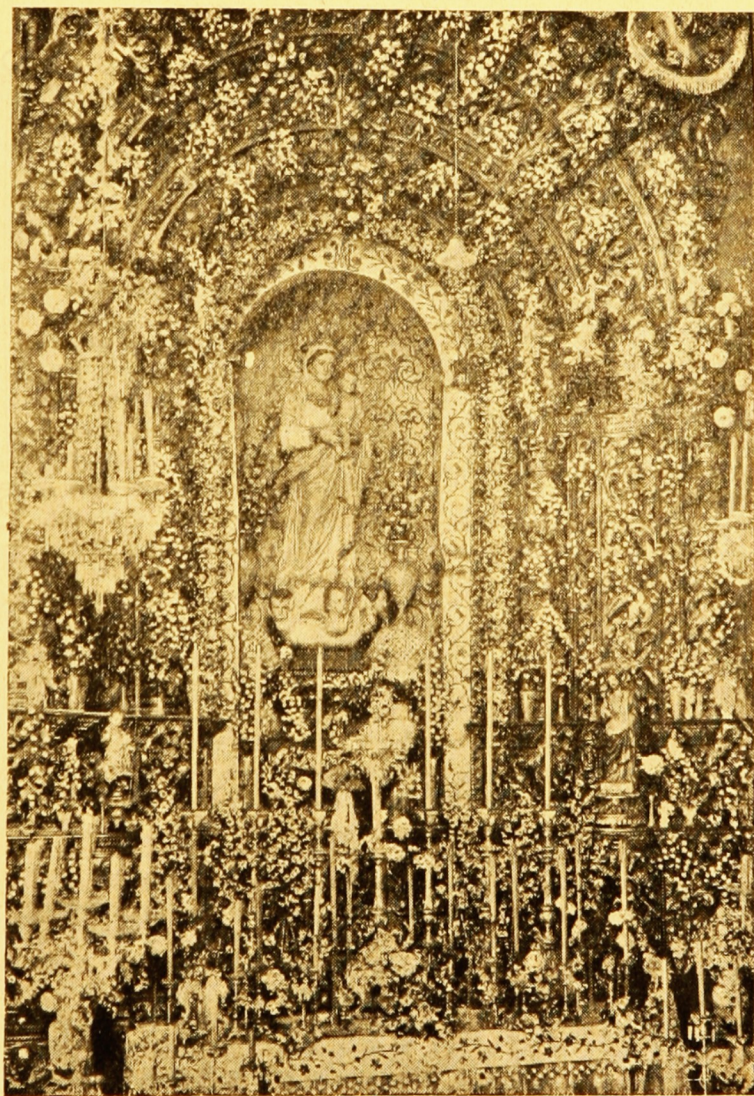
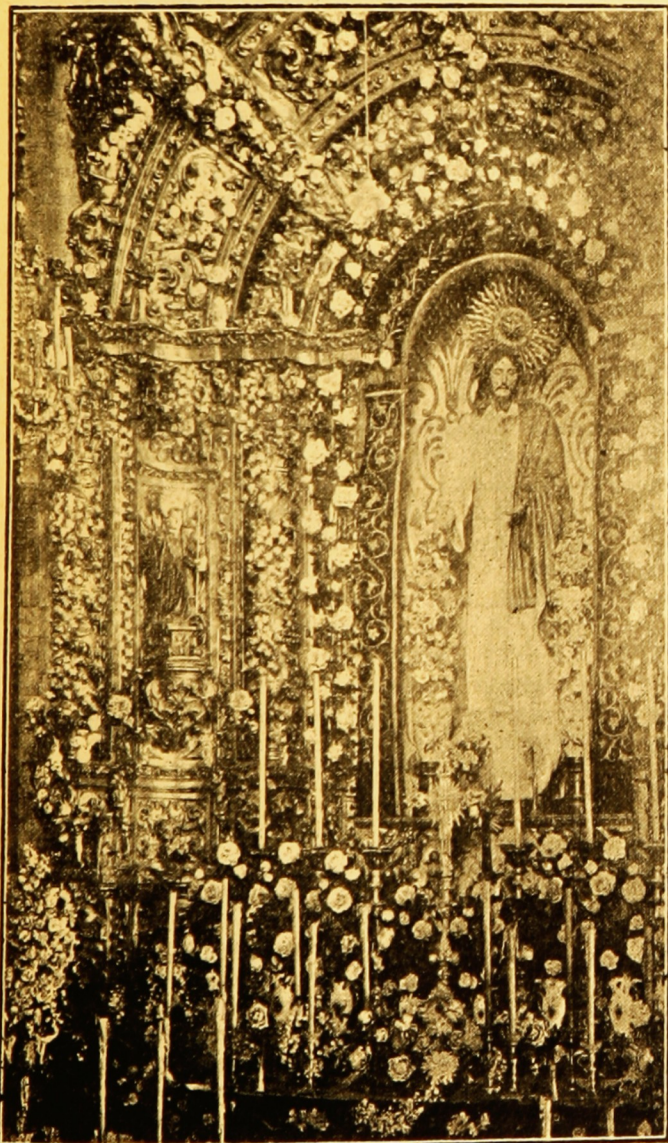
Está reservado um futuro brilhante á nossa querida conterranea. Assim lh'o desejamos ardentemente ao mesmo tempo que muito sinceramente a felicitamos, bem como a seu Pae, que tem a ventura de vêr compensados os seus sacrificios nos triumphos e laureis d'uma filha adoravel não só pela sua intelligencia e saber, como tambem pelos dotes e virtudes ad-

miraveis de que é exornado o seu peregrino espirito e bondoso coração.

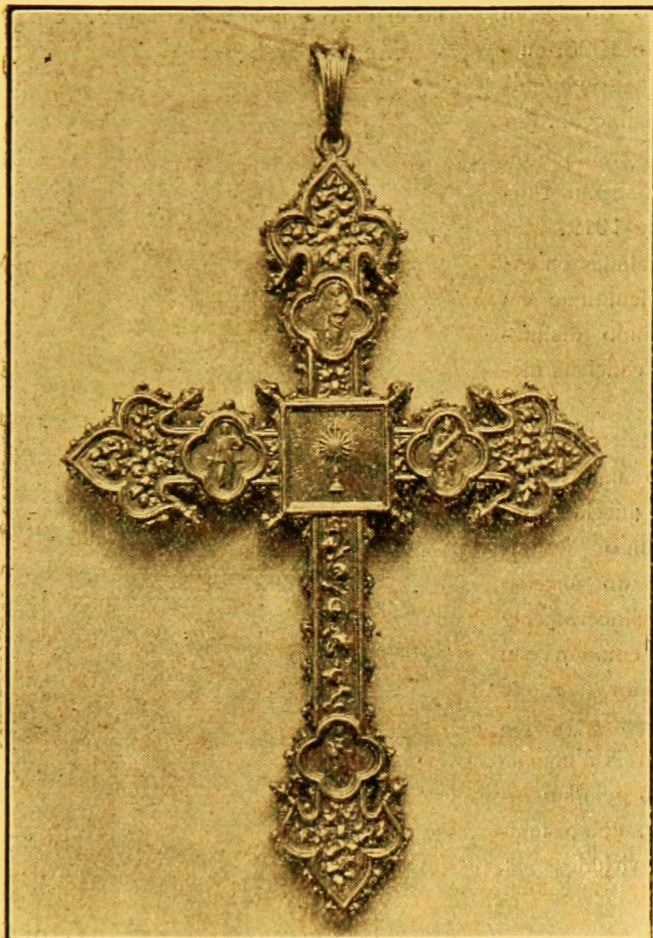
Muitos parabens!



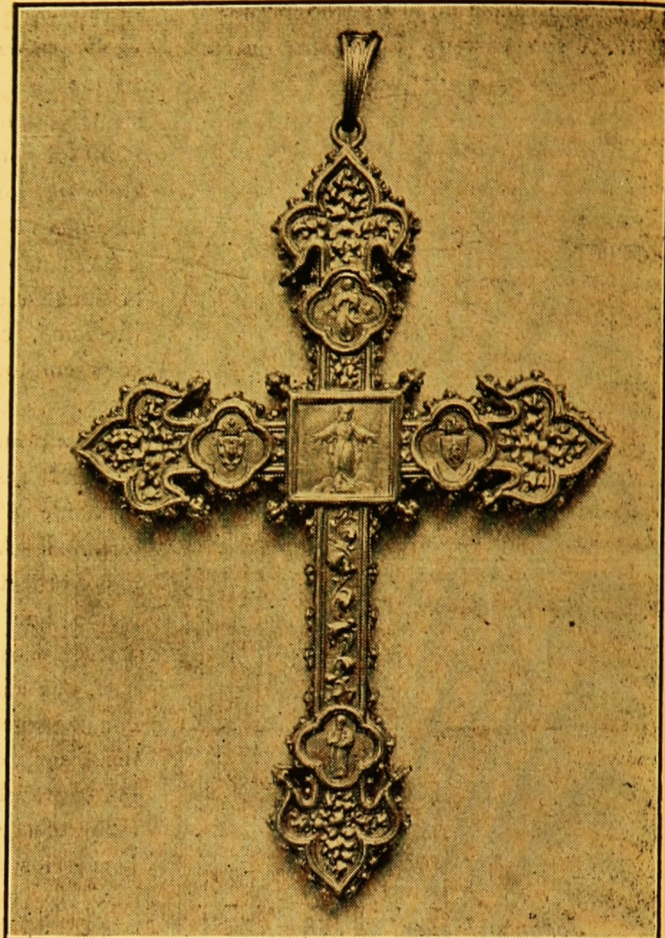
D. Maria da Conceição do Sameiro Ferro da Silva, formada nas Faculdades de Philosophia e Medicina



Os altares do S. Coração de Jesus e N. Senhora da Luz, da igreja de S. Vicente no dia da festa da conclusão do mez de Jesus e Maria



Anverso da cruz peitoral



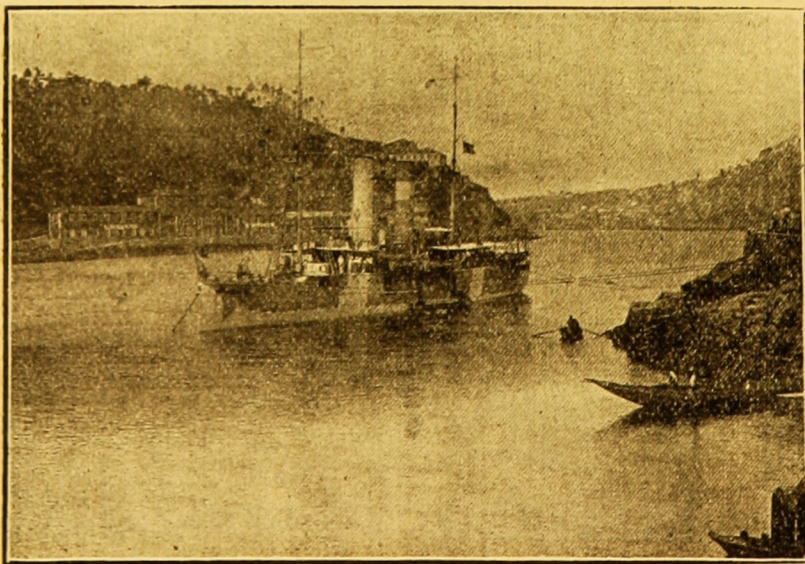
Reverso da cruz peitoral

Cruz Peitoral

Offerecida ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. José Lopes Leite de Faria, com o producto da subscrição aberta em Guimarães

Só hoje nos é possível publicar a gravura da riquíssima Cruz Peitoral offerecida ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. José Lopes Leite de Faria, Bispo de Bragança e Miranda, porque só agora ella foi photographada. Mas, ainda que tarde, não devia ficar a Illustração Catholica sem deixar archivada nas suas paginas esta nobilissima obra d'arte.

A Cruz foi offerecida a Sua Ex.^a Rev.^{ma} com producto da subscrição aberta em Guimarães. E, como o Sua Ex.^a Rev.^{ma} era natural de Tagilde, concelho de Guimarães houve



O aviso "5 de Outubro", ancorado em Massarelos

NO
O

a feliz lembrança de reproduzir o desenho de um das historicas, ricas e bellissimas cruzes processionaes da Collegiada d'aquella cidade. Incidiu a escolha na cruz gothica, a qual foi offerecida a esta Collegiada por D. João Affonso das Regras, podendo collocar-se a factura da preciosa dadiua entre os anos de 1383 e 1396, segundo diz o Snr. Joaquim de Vasconcellos na 'Arte Religiosa em Portugal'. E' de estylo gothico florido, terminando os braços em flôr de liz; em cada braço recortou o ourives um quadrilobulo, ornado com notaveis gravuras que ladeiam a peça central.

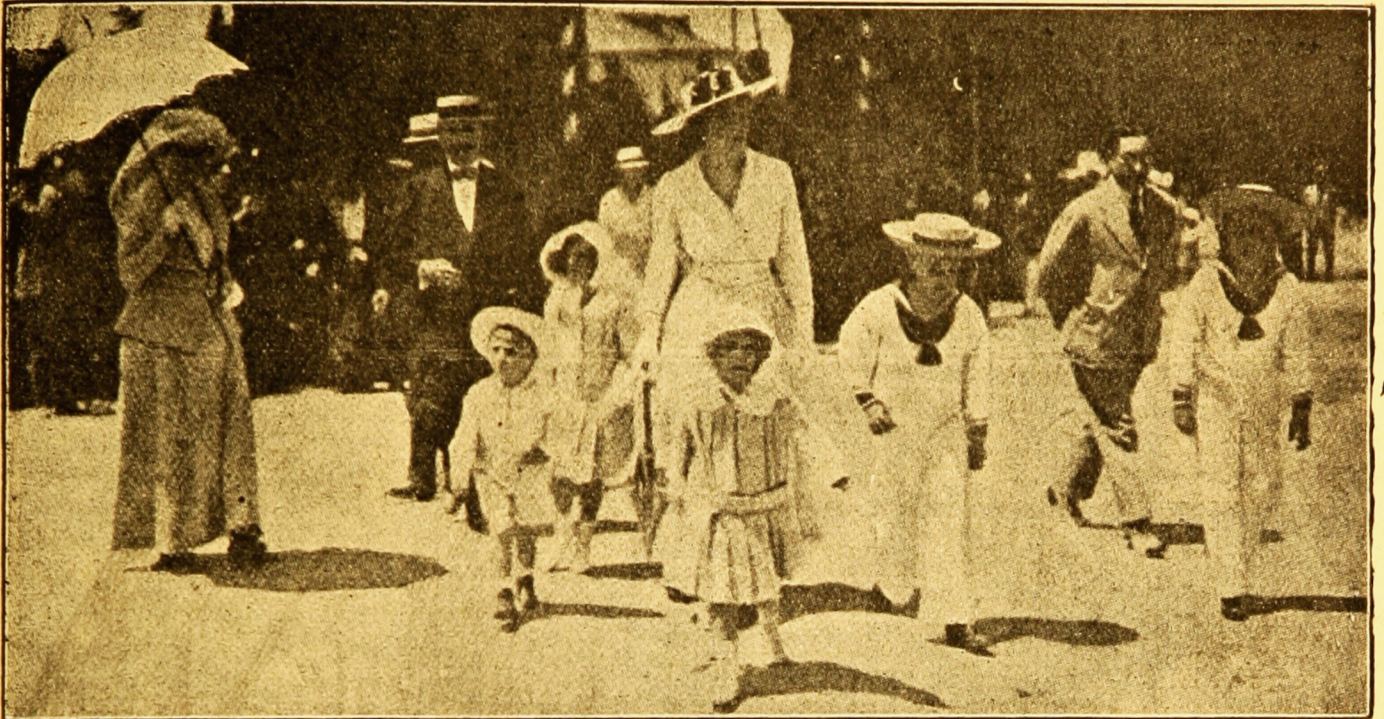
Em vista do fim a que a cruz era destinada, substituiram-se as gravuras da original por altos relevos particularmente apropriados para a Cruz Peitoral de Sua Ex.^a Rev.^{ma}. E assim apparece no anverso, ao centro, a sagrada custodia, symbolisando a Eucharistia, tendo gravado por baixo o distico latino que Sua Ex.^a Rev.^{ma} usa no seu brazão prelaticio—OPPORTET ILLUM REGNARE—e por cima as palavras FIDES, SPES, CARITAS. Nos quadrilobulos veêm-se figuras representando, em cima a Prudencia, virtude primacial dos Bispos; á direita a Justiça; á esquerda a Fortaleza e em baixo a Temperança. No reverso está, no centro o SS. Coração de Jesus em attitude de abraçar o mundo; em cima Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal; em baixo S. Paulo representando a evangelisação; á direita as armas de Portugal do seculo XIV (epocha da offerta da cruz gothica á Collegiada); e á esquerda as armas de Guimarães.

A Cruz foi executada nas importantes officinas dos Ex.^{mos} Senhores Reis, Filhos, do Porto. E de tal modo se houveram na factura d'este trabalho, que é de inteira justiça dizer-se que a Cruz Peitoral é uma verdadeira obra d'arte na mais rigorosa accepção d'estas palavras.

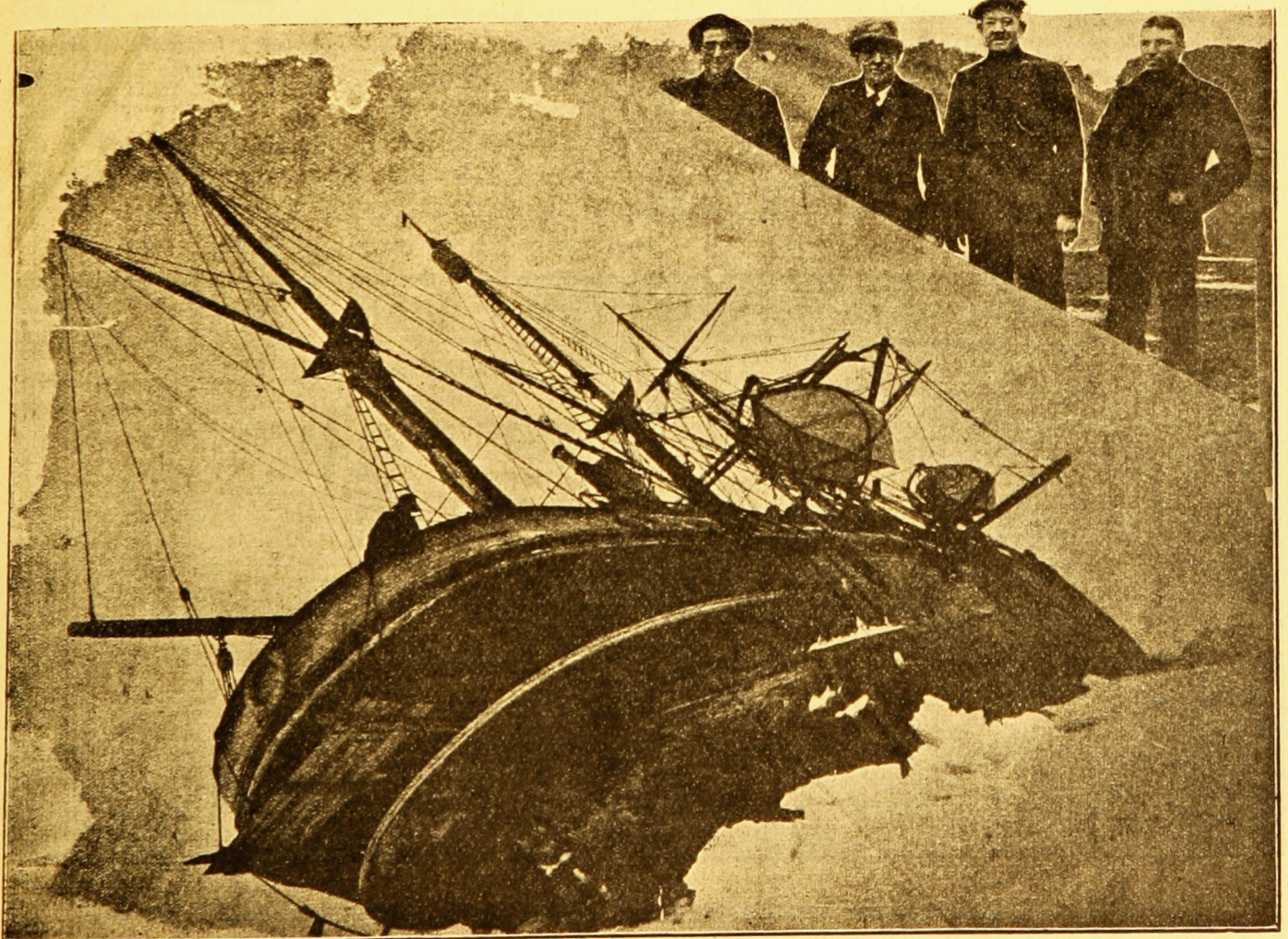
Parabens, pois, muito sinceros aos notabilissimos artistas, Ex.^{mos} Snr.^s Reis, Filhos, por esta obra de tão subido valor artistico, que acaba de sahir das suas afamadas officinas.

Do Nascente ao Poente

A côrte hespanhola na cidade de Santo Ildefonso



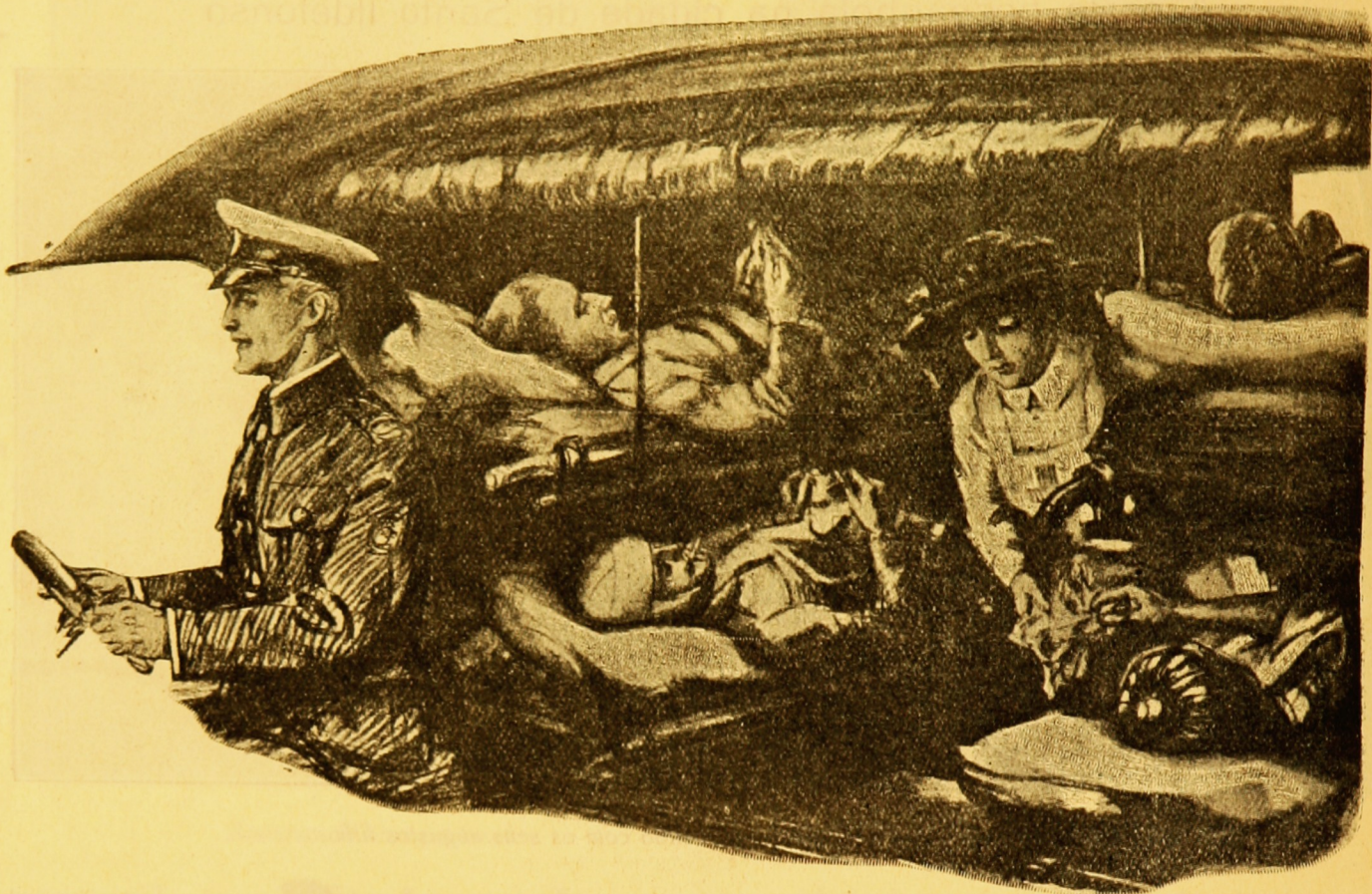
A rainha Victoria Eugenia passeando com os seus augustos filhos



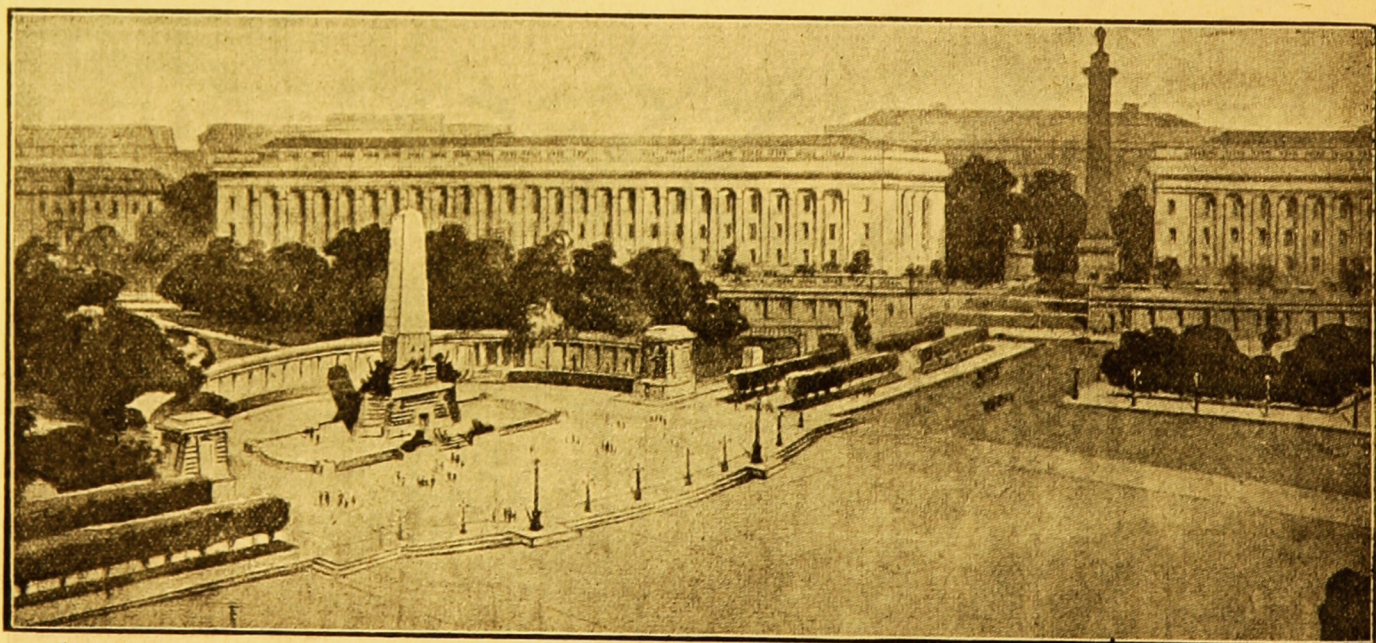
Onde e como está a expedição Shackleton

*O «Endurance» o navio da expedição, encalhado entre os flócos de neve
No cimo á direita vê-se Ernesto Shackleton e os membros da expedição photographados no norte da Georgia*

o Pagina da Guerra Europeia o



Uma dama da Cruz Vermelha inglesa distribuindo bananas e cigarros aos soldados feridos que são conduzidos para o hospital em "camions"



*A' memoria de Kitchener
Um projecto para o grande monumento em Londres*

Amor eterno

POR JOSÉ AGOSTINHO.

Como estava velho! Mas como a velhice lhe parecia maior, vendo toda a sua aldeia tão outra, destruidas velhas casas bem amadas, abandonada a igreja onde fizera a primeira comunhão!

E o cemiterio? Mas era só para o visitar que voltara á sua terra, Dir lhe-hiam onde era o coval de seus paes, mortos ha vinte e cinco annos? E o de Margarida, o seu amor da infancia, tão pallida e esbelta no dia da despedida, finada tão cedo, como lhe tinham escripto havia vinte annos, vinte seculos de saudades e melancolias tragicas?

Oh! o cemiterio! Via-o tanto como a igreja nas fainas asperas da Bahia. Quando o luar dos serlões, um luar dolorido como nenhum da terra, o surprehendia, de joelhos, a rezar e a chorar á sombra d'uma esguia araucaria, a visão era sempre a mesma— um altar de prata, esplendido de flôres e ondas de incenso, e logo um campo cheio de cruces e sepulchros, e, triste como a voz de um velho sublime que ha seculos chorasse pelos mortos, o murmurio supremo e enternecido, cheio da grande euphonia latina: *Requiescat in pace!*

Margarida de Jesus! Seus paes e a sua noiva! Que tela confusa e cruel, doce e amarga, querida e dolorosa!

Ah! quem poderia comprehender a dôr d'aquella nostalgia, o fel d'aquella doçura d'alma que lhe parecia muito mais pungente do que a maior saudade?

Não se riam das suas cãs e das suas lagrimas os homens e os successos? Não encontrava tão outra a sua querida patria portugueza, o seu querido Minho mesmo? Comboyos, modas estrangeiras, costumes desconhecidos. Velhos gel dos os que deixara jovens e crentes. Hervas nos frontaes dos templos. Algumas basilicas transformadas em casernas. Os velhos trajes regionaes substituidos por novidades de Paris. Como que a definitiva ausencia da grande alma lusitana, tão hispanica e tão independente.

Se não era illusão d'elle, todos lhe pareciam corcundas, como se os carregasse um estupendo crime colectivo, e eram tão artificiaes os sorrisos e os olhares, que chegava a parecer que todos os portuguezes tinham emigrado, espavoridos, flagellados, miseraveis, fugindo a barbaros desconhecidos.

Anoitecia. Os pios das aves nocturnas tinham timbres de sarcasmo e blasphemia. A doçura da penumbra, d'aquella poesia dos crepusculos que entra na alma a despertar a meditação, a prece, a caridade, tinha tons sinistros, como se os ultimos mysterios vespertinos fossem cúmplices de traições e abominações.

Meu Deus! Até o *Angelus*, a saudação á Virgem, se lhe affigurava um dobre a finados, a infelizes que tivessem morrido de vergonha e horror de si mesmos,

Mas entrava no cemiterio. Os cyprestes abysmavam-se já nas trevas crescentes. Alvejavam campas. Alçavam-se cruces com qualquer coisa do pavor dos phantasmas.

E ninguem. Ao fundo a capella parecia aviltada por um crime. Tinham lhe tirado a cruz de marmore do frontespicio e as paredes fendiam se, salitrosas, injuriadas.

Até o cemiterio era outro. A propria aragem que varria os tumulos se lhe affigurava sarcastica e frivola. Mas então estava condemnado a não viver, ao menos, um minuto do passado querido? Que cataclismo tinha devorado almas, aspectos, os proprios epitaphios? Deus teria abandonado a sua linda aldeia, seria insensivel a tantas preces e nostalgias?

Mas avistou então um vulto. Era de mulher. Ajoelhada ao pé d'uma campa rasa, rezava a meia voz.

Que felicidade! Encontrava um soffrimento irmão. E de quem? Que lhe importava? A noite descia ainda sem luar, profunda e silente. Não podia ver as feições d'aquella mulher. E para quê? Estava alli uma commungante da saudade. E ajoelhou detraz d'ella silencioso, feliz com a sua amargura. De quem era aquelle tumulo? Se era d'um ser bem-amado, era o dos seus paes, era o de Margarida, era o de tudo que mais amara no mundo.

Padre Nosso que estaes nos céos...

E abysmou-se na sua dôr e na sua fê, transportado, desprendido do espaço e do tempo.

Decorreu uma hora. A mulher, enfim, levantou-se, estremeceu ao vê-lo, mas disse logo, docemente, com lentidão:

—Vem rezar também?

—Rezei comsigo, minha senhora—volveu elle, de frente baixa.

—Ah! não tinha dado pelo senhor... Venho aqui quasi todas as tardes. Chega a noite, e eu fico ainda... até vir o coveiro, que vem sempre tarde... Fecha-se aqui o cemiterio muito tarde... É, ás vezes, fica aberto toda a noite. Isto está muito mudado...

—Tudo, minha senhora, até parece que a luz, a côr das arvores, das pedras...

—Não tem cá estado? perguntou ella então, de cabeça mais alta.

E elle, muito vago na espessura das trevas, respondeu:

—Não tenho cá estado? Sahi d'aqui ha quarenta annos. Deixei meus paes... e alguém que morreu como elles,

—Oh!

—Quarenta annos senhora. Os primeiros dez annos, foram de esperança, depois, cinco, de felicidade... Enriquecia. Meus paes viviam. Ella escrevia-me, jurando-me por Christo um amor de sempre...

—E enganou-o? atalhou ella, anciosa, toda convulsa.

—Não, morreu.

—Ah! só assim, só morrendo, accudiu ella com jubilo. Porque—perdoe—só os homens costumam esquecer quem os ama. Uma infeliz conheço eu, que muito amou... que muito ama ainda. Elle também emigrou. Vinte annos escreveu á noiva. Depois, silencio. Depois, constou que tinha casado, Que Deus lhe perdôe... Ha quem reze muito pelo desgraçado, porque o é decerto elle com os remorsos que deve ter...

—A senhora é d'aqui?—perguntou o brasileiro, fitando muito a sombra.

—Sou. E o senhor também é?

—Como lhe disse. D'aqui sahi ha 40 annos.

—Quarenta annos! Como somos velhos! E de que familia era?

—Dos Menezes da Fontinha respondeu elle abatido.

—Dos Menezes?...

E o rosto d'ella desemboçou se bruscamente da mantilha. Uns grandes olhos brilharam nas trevas. Aflorou-lhe á garganta um grito opprimido.

—Veja bem. Dos Menezes?—disse enfim, dominando-se.

E, sem esperar resposta, acrescentou, mas já de voz cortada e chorosa:

—Não, o José... Era o filho unico... Devem ser outros Menezes: Não estarei lembrada... Já sou tão velha.

—O José, sim—disse elle, doloridamente calmo.

E, attrahido por aquelles olhos pungentes, interrogativos, fixos, ficou mudo, n'um alvoroço estranho, de cerebros em tumulto, empolgado pela maior angustia da sua vida.

Mas logo continuou, repellindo utopias, amargo de sorriso:

—O José, sim, o José. Não sei se pôde lembrar-se d'elle. Tinha uma noiva, Margarida, linda como Nossa Senhora a Branca... Ella morreu, como me informou meu primo André...

E aqui não pôde continuar. A mulher mysteriosa parecia crescer de estatura e prendeu-o por um braço, como se tivesse enlouquecido. O seu olhar brilhava tanto, que lhe illuminou todo o rosto—macilento, mas ainda com vestigios de doce belleza, enrugada de leve.

O brasileiro recuou, quiz resistir, e achou se hypnotisado por aquella como que aggressão, porque encarava uma physionomia amada, cada vez mais nitida, porque tudo — a voz, o gesto, o olhar, a paixão, a sentimento das palavras — lhe affirmava um prodigio, uma resureição estonteante.

E, baixinho, enlaçando a mulher extranha, pronunciou com o tom de quem falla a espectros; a medo, religiosamente:

—Margarida!

E ella, afogada em soluços, murmurou convulsamente:

—José!

D'alli a minutos, ajoelhavam a par sobre a sepultura dos paes d'elles.

Lá rezava ella todas as tardes pelos velhos, e pelo filho que julgava esquecido do seu primeiro e unico amor.

Depois, levantando-se, e como o luar rompia, Margarida avultou quasi tão bella como quando elle partira, dando lhe o primeiro e ultimo beijo junto ao adro.

E, muito tranquilla e risonha, foi dizendo com doçura melancolica:

—Rezaremos muito pelo pobre André. Que grande peccado! Illudir-te, dando me como morta para o deixares livre! Illudir-me com o não me escreveres, inventando que te tinhas casado no Rio Grande do Sul! . . . Matou-nos a ambos . . . mas o peccado levou-o depressa a elle n'uma desordem, na noite do dia em que me jurou amor . . . que eu repelli, José, porque a minha alma era tua, devias senti-la no Brazil, sempre ao teu lado . . .

Como estamos velhos, José! Mas como Deus é bom, se não podemos córar um deante do outro!

Estavam de mãos dadas, de fronte unidas, cheios de luar, piedade e saudade. Já não choravam. Sorriam como anjos encanecidos que se reconhecem aos pés da Cruz.

—Margarida! disse elle, com o olhar muito humido—e porque não has de ser minha esposa?

E ella respondeu, enternecida:

—Sim, as ruinas devem viver bem com as ruinas . . . se as abençoar o Senhor que resuscitou Lazaro.—Sim, José, sim.

E trocaram o segundo beijo do seu noivado, no meio dos sepulchros e dos cyprestes.

Lubys, a virgem



Corpo de neve e lirio, e alma que inda
Vence alva neve e os lirios na brancura,
—Oh vêde-a! . . . e dizei-me se ha mais linda
Musa do que a que eu tenho, se a ha mais pura!

Tanta meiguice e graça! O proprio nome
E' musica do Ceu, som que allumia . . .
—Ouvi-lhe a voz de mel! . . . e vos consome
Depois a ancia de ouvil-a noite e dia!

Como não ha-de amar-te, idolatrar-te,
O vate pobresinho que te deve
O seu sonho de Amor, seu sonho d'Arte?!

Sim! no mundo Lama, vil, medonho,
Só tu podias sêr, oh Lirio! oh Neve!
A virgem do seu Canto e do seu Sonho!

Paredes de Coura

Esperança Nossa



(A' Estrella do Mar)

Sob o divino olhar que se desprende
Dos teus olhos dulcissimos, Senhora,
A Dor—a fera Dor!—não nos offende!
Serêna se adormece a alma que chora!

Fala de Amôr—que todo o peito entende . . .
De toda a noite—a divinal Aurora . . .
—Ah! mil vezes bemdito quem se prende
Na doce luz dos olhos teus, Senhora!

O olhar da Mãe de Deus!—Com que alegria,
Vosso lindo Menino não havia
De olhar tão terno olhar que enleva, adoça!

. . . E és nossa Mãe tambem, Cheia de Graça!
Que has-de, pois, dar aos filhos na Desgraça?
—O teu olhar de esp'rança, Esp'rança Nossa!

Teixeira Pinto

Amigas íntimas



—Gostas do meu chapéu?

—Gosto muito. Não te lembras que tive um igual, no anno passado, quando eram moda?...

Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

● clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.
Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

Frigideiras e Restaurante

CASA DO CANTINHO



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Ferreira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

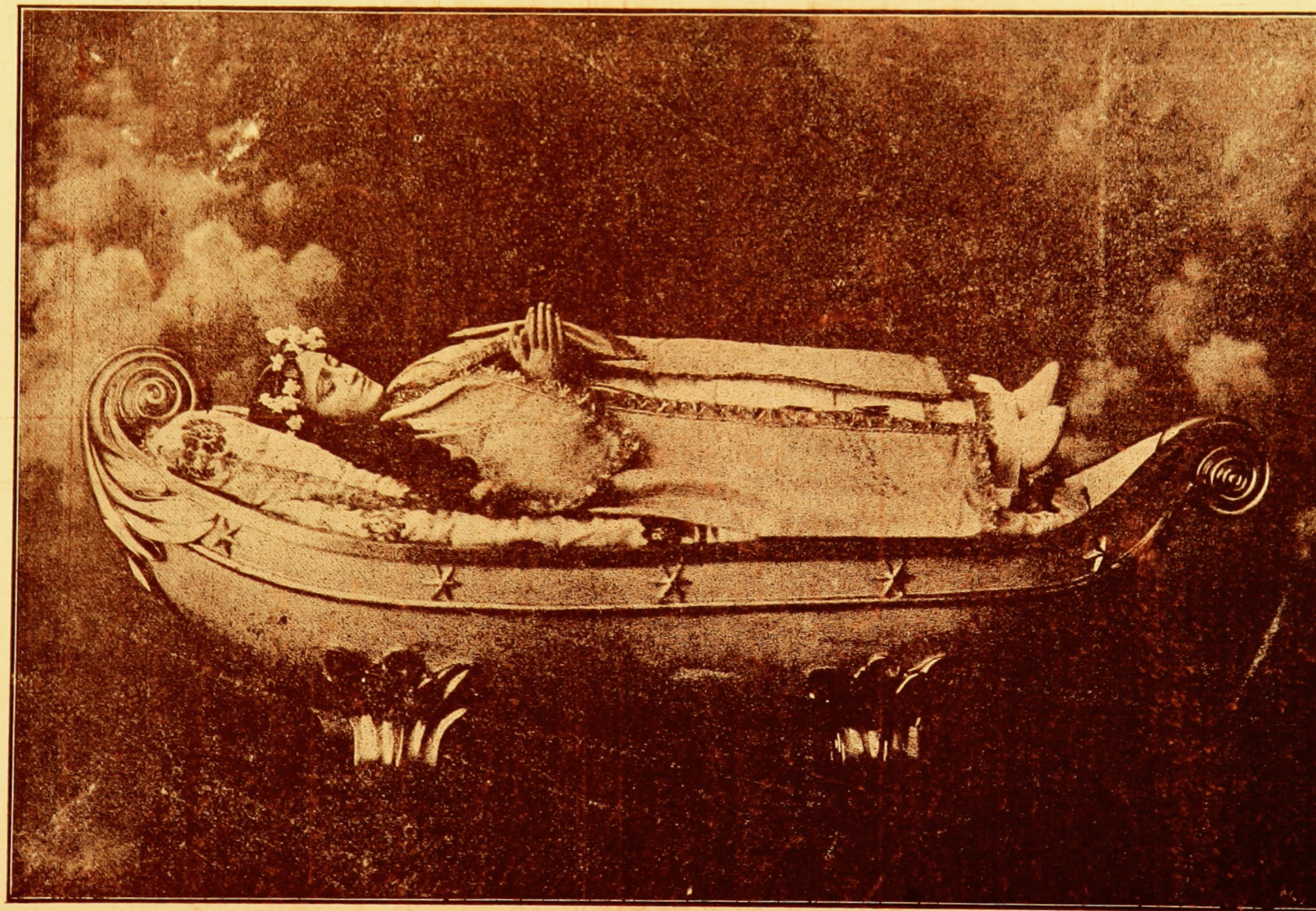
José Garrido Vasques

PARAMENTOS

✕ OS MAIS BEM MONTADOS ATELIERS ✕
Officina de Esculptura Religiosa em madeira, pintura, dourado e encarnação

IMAGENS

A
casa
mais
com-
ple-
ta no
seu
genero
em
Portu-
gal.



Mo-
delo
das
suas
conge-
neres.

Faça-
se um
con-
fronto.

ALFAIAS

Monteiro Borges — PORTO

Ruas do Sol e da Batalha. — Endereço Telegraphico — Fabrilculta — PORTO

MOBILIARIO